

Mitologia Grega e seus inimigos: o reducionismo da Escola Jônica, O Racionalismo Filosófico de Abdera, a politização, o Epicurismo. E o socorro do Everismo e Cristianismo.

Graduando: Vitor Reis de Melo.

Resumo:

O presente trabalho tem como assunto central a Mitologia Grega, na visão do conceituado Professor Junito Brandão. O Prisma do Professor Junito tem como base o arquétipo, que seria uma atribuição natural universal cultural como: a ligação de anjos a bondade, e de demônios a maldade. Estes colaboram para a construção de uma memória coletiva. O Autor é um especialista no assunto de uma vasta formação acadêmica. É capacitado para escrever sobre o assunto Mitologia grega. A mesma sofre com oposições através do tempo. Um dos principais inimigos é o reducionismo, que o principal ataque veio da Escola Jônica com Xenófanos de Cólofon e o Sistema Racionalista Filosófica da Abdera, na Trácia. O Mito passa pelo processo da dicotomização que seu principal crítico foi de Píndaro, de Tebas. A politização que leva o Mito até aos pés dos heróis. O Século de Péricles, o século V a.C, tem um embate entre Heródoto, o Pai da História e Tucídes, um crítico racionalista. No século VI a. C. já claudicante, o Mito sofre com o Epicurismo, que na verdade é mais uma das críticas que é feita por parte da Elite a Religião Oficial do Estado, isso muito se deve aos séculos de Orientalização Grega. E quando parecia prestes a morrer a Mitologia é socorrida pela alegoria, everismo e pelo Cristianismo.

Summary:

This work is mainly subject to Greek mythology, in view of conceited teacher Junito Brandão. The Prisma Professor Junito is based on the archetype, it would be a universal natural cultural award as the binding angels kindness, demons and evil. These work together to build a collective memory. The Author is an expert in the subject of an extensive academic background. It is able to write on the subject Greek mythology. The same objections suffers over time. One of the main enemies is reductionism, the main attack came from the Ionian School with Xenophanes of Colophon and the Rationalist System of Philosophical Abde-ra in Thrace. The myth goes through the process dichotomization his main critic was Pindar of Thebes. The politicization that leads the Myth to the feet of heroes. The Age of Pericles, the fifth century B.C has a clash between Herodotus, the Father of History and Tucídes, a rationalist critic. In the sixth century. C. already faltering, the Myth suffers from Epicureanism, which is actually more of a criticism that is made by the Elite Religion Official State, this much is due to centuries of Greek orientalizacion. And when it seemed about to die Mythology is bailed out by allegory, everismo and by Christianity.

Mitologia Grega.

Segundo Junito Brandão¹, *os arquétipos* são naturais em toda e qualquer cultura. Ajudam ou contribuem para uma Consciência Coletiva, a qual é atemporal, ou seja, existe em toda e qualquer Sociedade. Os arquétipos geram símbolos, que corroboram para uma construção cultural. Os anjos, os demônios e entre outros são arquétipos, são símbolos. Sendo ou não universal existem parecidos em outras culturas. Tudo isso é legado de uma geração para outra se mutaciona em tradição de maneira bem natural. Para Nicola Abbagnano arquétipo é o “modelo ou o exemplar originário ou original de uma série qualquer (...), são as forças naturais, as ideias simples ou as ideias complexas assumidas como modelos para medir a adequação das outras ideias” (ABBAGNANO, 2000, 80 p.). Para o autor Brandão, os arquétipos vão além da ideia de que são Mães de símbolos:

Todavia, os arquétipos são ainda mais do que forma os símbolos para estruturar a Consciência. Eles são também a fonte que os realimenta. Por isso, os mitos, além de gerarem padrões de comportamento humano, para vivermos criativamente, permanecem através da história como marcos referenciais através dos quais a Consciência pode voltar às suas raízes para se revigorar. A grande utilidade dos mitos, por conseguinte, está não só no ensinamento dos caminhos que percorrem a Consciência Coletiva de ma determinada cultura durante sua formação, mas também na delineação do mapa do tesouro cultural através do qual a Consciência Coletiva pode, a qualquer momento, voltar para realimentar-se e continuar se expandindo (BRANDÃO, 2009, 09-10 p.).

O termo *mito* tem uma fenomenologia funcional, que o faz naturalmente ser um ímã. “o mito atrai, em torno de si, toda a parte do irracional no pensamento humano, sendo, por sua própria natureza, aparentado à arte, em todas as suas criações. E talvez seja este o caráter mais evidente do mito grego. Verificamos que ele está presente em todas as atividades do espírito (...). Reserva de pensamento o mito acabou por viver uma vida própria, a meio caminho entre a razão e a fé” (BRANDÃO, 2009, 13-14 p.).

Os mitos gregos tomaram notoriedade pelo caminho escrito somado à imobilidade figurada de sua natureza. Contribuiu para o seu estabelecimento definitivo. Em uma visão weberiana, o mito se institucionalizou e se burocratizou. “Um mito escrito está para um mito em função, como uma fotografia está para pessoa viva” (BRANDÃO,

¹ Professor é Bacharelado em Letras Clássicas pela PUC-RJ em 1948. Em 1950 escreveu o artigo: a Trágédia de Sófocles: Édipo, Rei. Pesquisou em várias áreas cerca de quarenta e cinco anos: latim, grego, sânscrito, tetralogia de Wagner. Formou-se também em Literatura Clássica pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Estado da Guanabara. (<http://www.uerjleco.com.br/anais.htm>).

2009, 25 p.). Mas, a chave-mestra da mitologia grega é o seu não ligamento a contexto de rito religioso². Todavia, o mito grego se aproximou de outra área.

É claro que houve na Grécia, um liame muito forte entre literatura, arte figurativa e religião, mas, ao plasmar o material mitológico, os poetas e artistas gregos não obedeciam tão somente a critérios religiosos, mas também, e isso é fácil de perceber, a ditames estéticos. Toda obra de arte como todo gênero artístico e literário possuem exigências intrínsecas. Entre narrar um mito, que é uma práxis sagrada, em determinadas circunstâncias, para determinadas pessoas, e compor uma obra de arte, mesmo alicerçada no mito, vai uma distância muito grande (BRANDÃO, 2009, 26 p.).

O reducionismo que sofreu o mito grego é de diversas áreas. “Bem diferente é atitude do pensamento racional, sobretudo dos pré-socráticos, muitos dos quais tentaram desmitizar ou dessacralizar o mito em nome no *lógos*, da razão” (BRANDÃO, 2009, 27 p.). A ponta de lança de desconstrução da Escola Filosófica Jônica era ideia de que um “Deus” não poderia ter traços humanos no seu caráter como defendia Xenófanes de Cólofon. “Repele a concepção de que os deuses tinham tido um principio e se assemelhem aos homens (...). O antropomorfismo, iniciado com Homero e aperfeiçoado por Hesíodo, é violentamente censurado (...). Para Xenófanes, a ideia de Deus é algo mais sério” (BRANDÃO, 2009, 27-28 p.). Já o Sistema Racionalista Filosófica da Abdera, na Trácia. Redimensiona a corredeira das críticas racionalistas ao mito, com Demócrito. Agora, tudo é reduzido ao átomo³, que no fim tem que se render ao caminho de todos os homens a morte. “Assim, para Demócrito, os deuses vulgares e a mitologia nasceram da fantasia popular. Os deuses existem, mas são entes superiores ao homem, embora compostos também de átomos e, portanto, sujeitos à morte. “Deus verdadeiro e natureza imortal não existem” (BRANDÃO, 2009, 28 p.).

Segundo Junito Brandão, o mito grego sofre com outras oposições: a dicotomização e a politização. Uma das opiniões mais agudas é de Píndaro, de Tebas. “O homem não deve atribuir aos deuses a não ser belas ações. Este é o caminho mais seguro” (BRANDÃO, 2009, 29 p.). Ésquilo, o “Pai da Tragédia” (BRANDÃO, 2009, 29 p.). É

² Técnica mágica ou religiosa que visa a obter sobre as forças naturais um controle que as técnicas racionais não podem oferecer, ou a obter a manutenção ou conservação de alguma garantia de salvação em relação a essas forças.

³ É a das bases mais fundamentais da Filosofia Ocidental. Sendo também uma ferramenta das chaves de explicação mecânica das coisas. Leucipo e Demócrito idealizaram o conceito de átomo no V a. C. – defini como um elemento corpóreo: pequeno, invisível e indivisível. Diferenciando-se pela grandeza; unindo-se no vácuo. São Pais e Coveiros das coisas.

outro poeta grego que se focou em separar do mito o que ele via como, que poderia trazer para o conceito *Paidéia*.

O dever do poeta, diz Ésquilo a respeito do mito de Fedra, é ocultar o vício, não propagá-lo e trazê-lo à cena. Com efeito, se para as crianças o educador modelo é o professor, para jovens o são poetas. Temos o dever imperioso de dizer somente coisas honestas (BRANDÃO, 2009, 29 p.).

A Mitologia sofre com o perigo que a politização. Pois, arrastou o mito para os heróis, isto é, o autor chama de “peregrinação”, que comumente são pessoas destacadas da Sociedade Grega. Refletindo assim, a própria estrutura social da Hélade.

A peregrinação, como se pode ver na *Introdução* que fizemos ao mito dos heróis, no terceiro volume, é uma característica típica dos heróis, mas eleger Atenas como ponto obrigatório de convergência dos mesmos só se pode atribuir a intenções políticas. O desejo de defender a hegemonia política da cidade de Atená levou seus poetas a “depurarem” e a castrarem, com esse encontro marcado, certos mitos de heróis locais, acrescentando-lhes gestas de heróis de cidades vizinhas, fabricando-lhes genealogias espúrias, atribuindo-lhes importantes fatos históricos com total inversão da cronologia. De modo inverso, as glórias e feitos das cidades inimigas foram denegridos e empanados. Não foi com outro intento que desfilaram pelas ruas de Atenas Admeto da Tessália, Édipo de Tebas, Adrasto de Sicione, Orestes de Argos, Castor e Polúx de Esparta (BRANDÃO, 2009, 30 p.).

O Século de Péricles é um dos Séculos mais importantes da História Grécia. É nesse século que nasce a crítica racionalista, que gera um embate interessante: de um lado o Heródoto, o Pai da História, e que não consegue enxergá-la de outra maneira. E em sentido oposto Tucídes, o semi-ateu que expulsa os deuses da Guerra de Peloponeso. Não atribui nem a vitória nem tão pouco a derrota aos deuses. Os sofistas são outra chave importante desse século.

Os sofistas, mercê da atitude intelectual de alguns pensadores precedentes, aproveitando-se das condições políticas e sociais do seu tempo, abalaram, com sua teoria ancípita e demolidora, os nervos da polis. Prevalendo-se do caminho já aplainado pelo ceticismo, entre outras sérias “depurações”, procuravam varrer o mito da mente de seus jovens discípulos, como tentamos demonstrar em *As Nuvens* (BRANDÃO, 2009, 29 p.).

Ainda sobre o Século de Péricles, neste período acaba quase que cadeirante, e no século IV a.C., a Mitologia se choca com o Epicurismo, que é uma releitura do Atomismo Materialista Demócrito, que almejava a libertação do homem do medo dos deuses.

Afinal, se os deuses, distantes e desinteressados do homem, são também matéria, sujeitos, por conseguinte, à morte, já que formados, como os homens, por entrecosmos atômicos, por que temê-los? O além, grande preocupação do homem grego, não existe. Se tudo é matéria, deuses e alma, o bem supremo está no prazer negativo, na ausência de dor para o corpo e de perturbação da alma. Deus ou os deuses não agem (BRANDÃO, 2009, 31 p.).

Ao mesmo tempo, ainda no século VI a.C., os deuses foram derrubados do altar. Eis que surge uma espécie de releitura dos mitos, que socorre a Mitologia Grega que se encontrava a beira do abismo. Uma das releituras chama-se alegoria:

Já que os mitos não eram mais compreendidos literalmente, buscavam-se neles as (...) suposições, as significações ocultas, os subentendidos. Foi isto que, a partir do século I d.C. se denominou *alegoria*, que significa, etimologicamente, “dizer outra coisa”, ou seja, o desvio do sentido próprio para uma acepção translata, ou mais claramente: *alegoria* é “uma espécie de máscara aplicada pelo autor à idéia que se propõe explicar” (BRANDÃO, 2009, 31 p.)

A salvação mitológica da própria Mitologia também tem outro herói, que não é a alegoria. “Um pouco mais tarde, lá pelos fins do século IV a.C. e início do III a.C., o filósofo alexandrino Evêmero” (BRANDÃO, 2009, 32 p.). Este é o Pai do everismo, que é o segundo herói da Mitologia Grega.

O Everismo, por conseguinte, nada mais é do que a tentativa de explicar o processo de apoteose de homens ilustres. Embora teoricamente antípoda do alegorismo. O Everismo muito contribuiu também para salvar a mitologia, injetando-lhe uma dose de caráter “histórico” e humano. Afinal, os deuses não passavam de transposições, através da apoteose e de reminiscência, num tanto desordenada, da gestas de reis e de heróis primitivos, personagens autenticamente históricas... O próprio Evêmero, aliás, diz ter encontrado na ilha dos Bem-Aventurados um templo dedicado a Zeus. Neste templo se conservava uma coluna de ouro em que o próprio *deus*, quando ainda vivia como simples *mortal*, gravava a história da humanidade! Era a total desmitização... (BRANDÃO, 2009, 32 p.).

Existem infindáveis explicações pela não morte da Mitologia. Atravessou processos que não é algo tão ilógico de se compreender.

A fórmula de tal sobrevivência é facilmente explicável. Se a tenacidade e o vigor, com que os pré-socráticos bem como alguns pensadores e reformadores combatiam o mito, se tivessem integralmente à consciência grega, a tradição mitológica teria desaparecido por completo. Mas tal não aconteceu, porque os ataques desfechados contra o mito partiram sempre da elite pensante, de filósofos, de poetas e de escritores (com muitas e poderosas exceções) e se uma parcela dessa mesma elite pensante descobriu, sobretudo no Oriente, “outras mitologias” capazes de alimentar-lhe o espírito, a massa iletrada, tradicionalista por vocação e indiferente as controvérsias sutis, a alegorismos e everimerismos, agarrava-se cada vez mais à tradição religiosa (BRANDÃO, 2009, 33 p.).

Em contra partida, a religião do Estado Grego (oficial), caminhava ainda que com dificuldades, mas, defendendo seus deuses. Desenvolvem-se: soteriologia ou doutrinas da salvação, verdadeiras “mitologias da alma”, propagadas pelo neopitagorismo, neoplatonismo, gnosticismo e hermetismo (...) (BRANDÃO, 2009, 33 p.). Nem mesmo o Imperador Teodósio consegue terminar com a mitologia. O Cristianismo ele é outro herói que socorre a mitologia.

Sob muitos aspectos o cristianismo salvou a mitologia dessacralizou-a de seu conteúdo pagão e ressacralizou-a com elementos cristãos, ecumenizando-a. Quando se pensa na homologação, por parte do cristianismo, das tradições religiosas populares é que os fatos se tornam mais nítidos (...). De regional e provincial, a mitologia tornou-se universal. É de modo especial pela criação de uma nova ‘linguagem mitológica’ comum a toda população rural, que permaneceu presa a terra, e portanto na iminência de se isolar em suas próprias tradições, que o papel civilizador do cristianismo se tornou considerável. Cristianismo a antiga herança religiosa européia, ele não apenas a purificou, mas ainda fez ascender a uma nova etapa religiosa da humanidade tudo quanto parecia ser salvo entre as velhas práticas, crenças e esperanças do homem pré-cristão (BRANDÃO, 2009, 34 p.).

Mito, rito e religião.

O autor faz uma tentativa de definição do mito, não nas conotações mais tradicionais, no qual é relacionado à lenda. Assim, “mito é o relato de um acontecimento ocorrido no tempo primordial, mediante a intervenção de entes sobrenaturais” (BRANDÃO, 2009, 37 p.). Portanto, o mito seria uma materialização coletiva de uma visão de mundo, que é passada de Pai para filho. E acaba se tornando muitas vezes em linguagens. O Mito nas palavras de Maurice Leenhardt: “O mito é sentido e vivido antes de ser inteligido e formulado. Mito é a palavra, a imagem, o gesto, que circunscreve o acontecimento no coração do homem, emotivo como uma criança, antes de fixar-se como narrativa” (LEENHARDT apud BRANDÃO, 2009, 38 p.). Em suma, os mitos são forma da imaginação do homem, que reflete todo o seu modo de viver. Junito Brandão conceituando o mito.

O mito expressa o mundo e a realidade humana, mas cuja essência é efetivamente uma representação coletiva, que chegou até nós através de várias gerações. E, na medida em que pretende explicar o mundo e o homem, isto é, a complexidade do real, o mito não pode ser lógico: ao revés, é ilógico e irracional (BRANDÃO, 2009, 38 p.).

Etimologicamente, a palavra *religião* traz a ideia de religar. “Religião pode, assim, ser definida como o conjunto de atitudes e atos pelos quais o homem se prende, se liga ao divino ou manifesta sua dependência em relação a seres invisíveis tidos como sobrenaturais” (BRANDÃO, 2009, 41 p.). O sentido é mais a “ritualização do mito”. Usando o mito como canal inserção cotidiana do mito. Para Georges Gusdorf, o rito: “é a práxis do mito. É o mito em ação. O mito rememora, o rito comemora” (GUSDORF apud BRANDÃO, 2009, 41 p.). O rito também enraíza o homem no “Cronos Sagrado”. “O rito, que é o aspecto litúrgico do mito transforma a palavra em verbo, sem o que ela

é apenas *lenda*, “legenda”, o que deve ser lido e não mais proferido” (BRANDÃO, 2009, 42 p.). No mito o tempo funcionalmente é duplamente interpretado: é sagrado e profano.

À ideia de reiteração prende-se a ideia de *tempo*. O mundo transcendente dos deuses e heróis é religiosamente acessível e retulizável, exatamente porque o homem das culturas primitivas não aceita a irreversibilidade do tempo: o rito abole o tempo profano e recupera o tempo sagrado do mito. É que, enquanto o tempo profano, cronológico, é linear e, por isso mesmo, irreversível (...), tempo mítico, ritualizado, é circular, voltando sempre sobre si mesmo. É precisamente essa reversibilidade que liberta o homem do peso do tempo morto, dando-lhe a segurança de que ele é capaz de abolir o passado de recomeçar sua vida e recriar seu mundo. O profano é o tempo da vida; o sagrado, o “tempo” da eternidade (BRANDÃO, 2009, 42 p.).

Dos Jônios à Ilha de Creta.

Ao que se percebem os gregos mais antigos viviam uma vida em comunidade, de maneira tribal. O Período do Bronze Antigo os Jônios deixaram uma grande contribuição na área da agricultura, não é tão notável a sua influência na área de cerâmicas. A metalurgia também é uma progressista. Vem à tona outro marco o cavalo. Mas, na religião as coisas são mais detalhadas ocorreram alguns processos.

Em matéria de religião, o primeiro ponto a ser observado é o deslocamento do processo de inumação, das necrópoles exteriores para dentro dos núcleos urbanos, mas as escassas oferendas encontradas nos túmulos mostram um enfraquecimento na crença em relação à imortalidade da alma ou ao menos no que se refere ao intercâmbio entre vivos e mortos. Santuários construídos em acrópole, como o de Egina, evidenciam a implantação da religião patrilinear indo-europeia na Grécia, o que explica o desaparecimento quase total das estatuetas e do culto da Grande Mãe nessa época, pelo nos núcleos “urbano” (BRANDÃO, 2009, 52 p.).

O Período Áurio da civilização grega corresponde ao tempo da reconstrução dos Palácios. Além, de um Império Marítimo que domina todo o Mar Egeu, e de uma economia agrícola firme, e de uma pecuária de causar inveja, devido ao seu desenvolvimento, se torna a mais moderna cidade do Ocidente. Essa estrutura de Creta era percebida em toda a sociedade.

O comércio minóico, ativo e corajoso, transpôs as fronteiras das ilhas do Egeu, muitas das quais já estavam sob o domínio de Cnossos, levando os produtos de Creta e sua arte até a Ásia Menor, Síria, Egito e Grécia. A extraordinária prosperidade da ilha de Minos pode também ser observada em sua arte apurada, com magníficos afrescos, relevos, estatuetas, pedras preciosas, sinetes de ouro, cerâmica decorada com motivos vegetais e animais; os palácios gigantescos, com belas colunas, afunilando para a base e com engenhosas soluções para a iluminação interior, os cognominados “poços de luz” e já com um rudimentar, mas eficiente sistema de esgotos (BRANDÃO, 2009, 54 p.).

Todo o requinte social, cultural não há como saber se estendia ao religioso, pois, faltam “documentos decifrados”. Mas, algumas escavações arqueológicas dão-nos uma noção da vida religiosa: “locais de culto na ilha de Creta através de grande quantidade de oferendas neles depositadas, como armas, esculturas, jóias e o mobiliário religioso; mesas para libações, tripés, vasos sagrados” (BRANDÃO, 2009, 56 p.). Todavia, na Ilha de Creta não há registros de Templos. No entanto, as cerimônias eram diversas.

Eram múltiplas as cerimônias na religião cretense. Segundo Diodoro Sículo, “os cretenses afirmavam que as honras outorgadas aos deuses, os sacrifícios e a iniciação nos mistérios eram invenções sua e que os outros povos os haviam imitado”. Se o todo da pretensão cretense não é verídico, fica ao menos atestada a importância concedida pelos minoicos às cerimônias com culto. Estas se iniciavam pelas purificações, que se reduziam, em princípio, a uma simples aspersão das mãos, exceto nas cerimônias solenes, quando se descia às salas de lustração. Preparadas para essa finalidade.

Os sacrifícios sangrentos de bois, cabras, ovelhas e porcos se faziam ao ar livre. O touro possuía uma peculiaridade: normalmente era sacrificada apenas em efígie, mercê se sua sacralidade (...).

O sacrifício era acompanhado de oferenda de frutos e grãos, que representavam as primícias das colheitas (...) (SÍCULO apud BRANDÃO, 2009, 58 p.).

Existia uma ligação profunda entre o culto dos vivos, em benesses que alcançava aos mortos. Por exemplo, os corpos não eram cremados. “As oferendas eram renovadas e até mesmo sacrifícios eram oferecidos aos mortos, sem que se possa afirmar com certeza que estes fossem divinizados” (BRANDÃO, 2009, 59 p.). Para Johan Jakob Bachofen, a Sociedade de Creta era uma Matrilinear, algo que foge muito do comum, pois, as Sociedades Antigas eram tradicionais em ser Patrilinear.

Os Aqueus e a Civilização Micênica: a maldição dos Atridas.

Por volta de 1580-100. A região do Peloponeso foi residida pelos Aqueus; Jônios ficam na Eubeia e na Cordilheira Ática, os Eólios ocupam a Tessália e a Beócia. “Para um estudo da religião desse período há quase que se partir de uma evidência: houve, sobretudo após o domínio de Creta pelos aqueus, um sincretismo religioso creto micênico” (BRANDÃO, 2009, 74 p.). Os gregos sofreram diversas influências em sua religião.

De seu mudo indo-europeu os gregos trouxeram para a Hélade um tipo de religião essencialmente celeste, urânica, olímpica, com nítido predomínio do masculino, que irá se encontrar com as divindades anatólias de Creta, de caráter ctônio e agrícola, e portanto de feição tipicamente feminina. Temos, pois, de um lado, um panteão masculino (patrilinear), de outro, um panteão, onde as deusas superam de longe (matrilinear) aos deuses e em que uma divindade matronal, a Terra-Mãe. A Grande Mãe, ocupa o primeiríssimo posto, dispensando a vida em todas as suas modalidades: fertilidade, eternidade.

Desses dois tipos de religiosidade, desse sincretismo, nasceu a religião micênica. Diga-se de passagem, que esse encontro do *masculino helênico* com o *feminino minóico* há de fazer da religião posterior grega

um equilíbrio, um meio-termo, muito a gosto da “paidéia” posterior, entre a patrilinearidade e a matrilinearidade (BRANDÃO, 2009, 74 p.).

Tróia Histórica, Tróia mítica e as invasões dos Dóricos.

Segundo Junito Brandão, Tróia teria sido fundada por volta de 1.900 a.C., e sua etnia Indo-europeia que chega a Ásia Menor. Além do comércio com os micênicos, eram seus parentes. “Os Troianos são chamados comumente por Homero de domadores de cavalos” (HOMERO apud BRANDÃO, 2009, 102 p.). Outro ponto a ser observado é a transcendência que traz Iliada. “A Iliada funde, o fausto de Tróia VI com a ruína da Tróia VII a. C.” (BRANDÃO, 2009, 102 p.).

Os Dóricos são últimos invasores. Foi um movimento que levou muito, ou seja, séculos. Essas invasões representam a decomposição do Mundo dos Aqueus. Os Dóricos se viam como criadores da metalurgia e da cerâmica geométrica, mas, é algo que não procede. Não são nesses campos que foram referência.

As grandes “novidades” dóricas foram no plano social e religioso. Fortemente organizados em torno de seus chefes militares, os invasores estavam ainda muitos presos e ligados à primitiva e belicosa sociedade indo-europeia. Reinava entre eles uma patrilinearidade feroz, dada a superioridade do homem como guerreiro. Houve, nesse sentido, um retrocesso muito sério em relação aos reinos aqueus, onde a mulher, mercê da influência matrilinear cretense, gozava de uma liberdade, de uma estima e de um respeito, que nunca mais ele terá, ao menos na Grécia continental. Vivendo em comunidades, indissoluvelmente ligados pela camaradagem bélica, os homens prolongavam na vida diária essa convivência íntima, própria da guerra em que estavam de contínuo empenhados. Desse *modus uiuendi* originaram-se, certamente, dois, que se hão de perpetuar no helenismo: a nudez do atleta e a pederastia (BRANDÃO, 2009, 108 p.).

A questão religiosa dórica houve “retrocesso”. O patamar que atingiu o Patrilinear foi derrubado pela visão religiosa Matrilinear. “As deusas, hipóstases da Grande Mãe, foram alijadas e instaurou-se uma sociedade divina de feição patrilinear” (BRANDÃO, 2009, 108 p.).

Homero e seus poemas: deuses, mitos e escatologia.

Não há como negar que a Odisséia tem contexto histórico, que transmitido de uma geração para outra, usando como veículo a História Oral e Tradicional. Mas, como toda obra escrita tem suas dificuldades de ser interpretada para se perceber magnitude do mito e do histórico. No entanto, não há como discutir as alegorias micênicas nos poemas homéricos.

A dificuldade maior no estudo da epopéia homérica está em isolar o que realmente é micênico do que a épocas posteriores, como à Idade de Ferro, à I-

dade do Caos Dórico e ao ambiente histórico em que viveu o próprio poeta. Sem dúvida, também sob o ângulo político, social e religioso, os poemas homéricos são uma colcha de retalhos com rótulos de civilizações diferentes no tempo e no espaço. Não obstante todas estas dificuldades, alguns elementos micênicos podem, com boa margem de segurança, ser nos dois grandes poemas (BRANDÃO, 2009, 122 p.).

Os Poemas de Homero é o produto, de um progressivo crescimento da História Oral. “O mérito extraordinário do Homero foi saber genialmente reunir esse acervo imenso em dois insuperáveis poemas que, até hoje, se constituem no arquétipo da épica ocidental” (BRANDÃO, 2009, 125 p.). Uma marca de Homero é o “Humanismo Divino”. Segundo Junito Brandão, tanto *Ilíada* e *Odisséia* trata-se de um “documento religioso”. E o notável é o *antropomorfismo* é um adjetivo dos poemas homéricos.

Deuses que amam, odeiam, protegem, perseguem, discutem, lutam, ferem e são feridos, aconselham, traem e mentem... Já se disse, com certa ironia, que em Homero há três classes de homem: povo, heróis e deuses. O que estaria bem próximo da verdade, se os deuses não fossem imortais (BRANDÃO, 2009, 138 p.).

Em suma, o artigo tratou dos ataques que sofreu no decorrer do tempo a Mitologia Grega. O Reduccionismo que vem da Escola Jônica, com Xenófanes de Cólofon, o Sistema Racionalista Filosófico de Abdera. O Mito na História Grega foi dicotomizado por Píndaro, de Tebas. E politizado que acaba mostrando como a Sociedade Grega era estratificada, ou seja, estamentada. Os Heróis, Reis, e os filhos dos deuses e os próprios deuses são o centro da Mitologia, Quase não se houve falar nos mortais. E Estes são muitas vezes motivos de brigas entre os deuses. No século V a.C., o mito é motivo de discussão entre Heródoto, o Pai da História e Tucídides, um crítico racionalista. No século que se segue, ainda manquejante sofre mais um ataque, só que agora são dos Epicuristas. Mesmo muito ferido, o Mito é socorrido por vários heróis: o alegorismo, everismo e cristianismo para conseguir ficar de pé.

Bibliografia:

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia*, vol. 01. 21ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia*, vol. 02. 21ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política I*. ; tradução: Carmen C, Varriale et ai. Coordenador de tradução: João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacaís. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1ª ed., 1998. Vol. 1: 674 p.

BOTTOMORE, Tom, 1983. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Traduzido: Waltensir Dutra. Editora Jorge Zahar. Rio de Janeiro: 1983. 705 p.